

INCULCANDO REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO A PARTIR DA MÍDIA IMPRESSA: PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX EM PELOTAS

SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos Santos¹; FERRARI, Leticia Schneider²

¹ Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande e Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPEL – ritagrecco@furg.br; ² Faculdade de Educação da UFPEL – leticias_f@yahoo.com.br

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro

Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPEL – tambara@ufpel.tche.br

1 INTRODUÇÃO

O Instituto Internacional de Investigação e Capacitação das Nações Unidas para as Mulheres – UN/INSTRAW, em seu Relatório de 2005, referente ao progresso na aplicação da Declaração e Plataforma de Ação de Pequim¹, alerta para a acentuada reprodução nos meios de comunicação social de discursos do que a sociedade global e suas distintas culturas assumem como “feminino e masculino”, manifestados em imagens e, sobretudo, textos identificadamente sexistas, que acabam por contribuir à construção de representações sociais sobre “como se deve ser homem” e “como se deve ser mulher”. Tal comportamento faz o maior sentido, se pensarmos que de acordo com Hall (1997), os significados que compartilhamos na cultura, não são constantes, fixos, nem pré-existem como coisas no mundo social, mas são produzidos constantemente, em diversas instâncias sociais, como a família, os meios de comunicação e a escola – alguns dos Aparelhos Ideológicos de Estado apontados por Althusser (1998) – e em distintos campos de saberes, como a Antropologia, a Psicologia e a Educação, circulando através de diferentes processos ou práticas culturais. E, como ratifica Silva:

Tais significados inscrevem diferentes marcas nos corpos, moldam e regulam as percepções, os gestos, os sentimentos, os valores, as crenças, os hábitos, as maneiras de ser, de perceber a si e aos demais, e de agir como mulher ou homem [...] (2008, p.91).

Nesse sentido, reconhecemos que os meios de comunicação social – no que concerne especificamente a esta pesquisa à imprensa escrita, através do periódico “Diário Popular” – exercem na atualidade e têm exercido há muito tempo, uma profunda e também decisiva orientação na vida social, política e cultural de toda e qualquer sociedade e, como tal, constituem-se em um importante instrumento de formação e configuração social de gênero, engendrando e veiculando, assim, representações socialmente construídas. Como podemos verificar neste artigo publicado no “Diário Popular”:

A educação e a instrução da mulher

¹ Declaração proveniente da “IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Ação para Igualdade, Desenvolvimento e Paz”, realizada em Pequim, constitui-se como documento mais amplo e completo produzido por uma Conferência das Nações Unidas com relação aos direitos das mulheres.

A mulher na vida só tem uma carreira: o casamento. O seu futuro não é só seu, é também o do seu marido.

O mundo como está organizado, não abre á mulher ensanchos de triumphar por outro caminho, mas em compensação, dá-lhe um reino onde ella é soberana e rainha: a familia. [...]

Ella traça destinos e architeta cidadãos. Da sua fraqueza sahem as forças com que os homens luctam e a seiva moral de que se alimentam. [...] (13 julho de 1919).

Portanto, esta pesquisa que é subsidiária da pesquisa “A educação das meninas em Pelotas: as implicações da cultura escolar produzida no Internato Confessional Católico do Colégio São José durante o Estado Novo”, tem o objetivo de apresentar as principais representações sociais veiculadas na imprensa sobre “como ser mulher” nas primeiras décadas do século XX, em Pelotas, e o conseqüente impacto na produção de sua identidade de gênero.

Posto que, atribuímos a articulação e assunção destas representações à conformação de alguns elementos-chave, tais como o contexto sócio-econômico-político, educacional e religioso de Pelotas no alvorecer do século passado, como podemos perceber acerca dos interesses da Igreja local, que pregava a importância de uma formação católica para as moças, como podemos perceber na manifestação do segundo Bispo de Pelotas, Dom Joaquim Ferreira de Mello, sobre a relevância da educação feminina: “[...] formar em círculos especiais a mocidade feminina, dando-lhe a inteligência da sua missão educadora na sociedade, e orientando-lhe a vida para as virtudes tradicionais da família brasileira [...]” (1935, p.205).

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para empreendermos esta investigação, assumimos a Historiografia ou como define Certeau (2007), a operação historiográfica como perspectiva teórico-metodológica, uma vez que, através da utilização e triangulação de fontes plurais, buscamos através do cruzamento das informações e significações apreendidas através das mesmas, realizar um verdadeiro trabalho de construção do passado (BENJAMIN *apud* PESAVENTO, 2005) acerca das representações socialmente construídas de “como ser mulher”, e o conseqüente impacto na produção de sua identidade de gênero. Assim, além da revisão bibliográfica sobre o tema, recorreremos também à coleta, análise e interpretação dos dados obtidos no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense, através do periódico local “Diario Popular”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os meios de comunicação exercem e sempre exerceram um relevante papel na criação, reforço e difusão de representações sociais acerca de “como ser mulher”, oferecendo majoritariamente ao leitor uma representação de mulher “ideal” que, nas primeiras décadas do século XX, em Pelotas, costumava ser identificada como de uma pessoa “dócil, culta e cristã”, em consonância com o modelo familiar, católico e higienista acalentado no referido período histórico, de uma mulher “bem comportada”. Tal mulher “bem comportada”, via de regra, era categorizada de duas maneiras: as filhas de pais abastados, que eram preparadas para a “ocupação” ou “cumprimento da missão” de esposa e mãe, e as meninas órfãs ou muito pobres que necessitavam ser “preparadas de forma

adequada” para o mundo do trabalho. Como afirmam Lopes e Galvão: [...] Preparação para gozar a vida em sociedade, para aquelas bem nascidas; preparação para o trabalho para as órfãs e abandonadas. [...] (2005, p.72).

Tratava-se de uma necessidade que se vinculava à modernização da sociedade, à higienização da família e à construção da cidadania dos jovens. Como também enfatiza Hilsdorf:

[...] Enquanto realizavam os seus trabalhos de agulha, essas meninas aprendem a tecer suas próprias vidas, muitas vezes à revelia dos modelos apontados pelos filantropos liberais-ilustrados ou pela religiosidade popular (2005, p.65).

Afinal, desde o final do século XIX, ressoava um discurso em relação à educação feminina, ressaltando a necessidade de uma melhor formação para o “sexo frágil”. Tal discurso, articulado aos princípios da modernização da sociedade, que em parte jogava algumas mulheres no mercado de trabalho, uma forte preleção se fez ouvir: a do pensamento Positivista, que pregava que às mulheres cabia o relevante papel de dar continuidade as suas “vitais”, “importantes” e “decisivas” atividades domésticas, só que agora, numa extensão do lar, ou seja, desenvolvendo essas aptidões no labor escolar. Como podemos perceber no artigo intitulado “A mulher d’aqui a 100 annos”:

[...] “Dentro de cem annos – disse mme. Melba – o typo mulheril que prevalecerá será quase perfeito. O maior uso das facultades mentaes idealisará de alguma forma a mulher do futuro.” A sua apparencia correrá paralela á sua intelligencia. Haverá uma uniformidade no trajar, certa reserva nos modos, gestos e nas palavras: o orgulho e a affectação terão desaparecido.”

“A sua emancipação, que, seguramente estará triumphante, não será um obstáculo para que Ella conserve o amor no seu intimo. A mulher será sempre uma mulher... [...] (Diario Popular, 04 de fevereiro de 1909, p.4).

A elas ficava a responsabilidade e o papel de instruir os jovens da nascente nação brasileira, formando assim futuros cidadãos, uma vez que, “[...] Elas deveriam ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do país; [...]” (LOURO, 2007, p.447). Como veiculado no “Diario Popular”:

[...] Por ella se renova a sociedade nos seus sentimentos, nas suas ambições e nos seus idéaes. É o seu conselho e, sobretudo, o seu exemplo o grande livro onde os filhos aprendem e a grande forja onde os caracteres se temperam.

Dizem os iniciados em ontologia que os filhos varões sahem sempre ás mães e dellas herdam esse mysterioso complexo de aptidões que formam uma individualidade. [...] É a mulher que se transmite aos filhos essa synthese quase incomprehendida que se chama a indole. É da mulher, por tanto, que vem o merito dos homens, assim como é Ella quem, pela vida emfóra, indirecatamente orienta os destinos sociaes. [...] (19 julho de 1919).

Embora as classes dominantes da época desejassem modernizar-se, temiam a modernidade com relação à educação de suas filhas, pois tinham que educá-las de acordo com as exigências do mundo moderno, mas levando em consideração que esta educação não poderia subverter a posição de subalternidade das mulheres. Afinal, como sinaliza Gonçalves:

Sistematizado em um sem número de manuais e códigos, o mínimo que se esperava do comportamento das mulheres era que elas se constituíssem em verdadeiros ‘dragões da virtude’” (2006, p.40-41).

4 CONCLUSÕES

Há que se enfatizar que, os jornais sulistas – mais focadamente o “Diário Popular” – do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais. Nesse sentido, é difícil saber como eram lidos os textos, como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas representações de mulheres que os jornais reproduziam.

No entanto, é inegável que este relevante meio de comunicação social contribuiu e, muito, na veiculação das seguintes representações: “formação das jovens na prática das virtudes convêm a uma boa moça de família”; “há a necessidade de inculcação de hábitos de disciplina, modéstia e respeito à religião, como um imperativo de prepará-las adequadamente para as futuras obrigações”.

5 REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DECLARAÇÃO E PLATAFORMA DE AÇÃO DE PEQUIM. Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/counter/Onu/Mulher/texto/texto_12.html. Acesso em 17 de dezembro de 2008.
- DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 1909-1920.
- GONÇALVES, A. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage & Open University, 1997.
- HILSDORF, M.L. Tão longe, tão perto: As meninas do seminário. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H. (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. v. II – séc. XIX. Petrópolis: Vozes, 2005. p.52-65
- LOPES, E.; GALVÃO, A.M. **História da Educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LOURO, G. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M.D. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.443-481
- MELLO, J.F. **Primeiro Congresso Católico Diocesano de Pelotas**. Porto Alegre: Tipografia Pão dos Pobres, 1935.
- PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SILVA, F. Linguagens, estilos, adornos corporais...: a produção das identidades adolescentes na contemporaneidade. In: RIBEIRO, P. et al. (orgs.). **Educação e Sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia...** Rio Grande: Ed. da FURG, 2008. p.89-95